

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: REINVENTANDO A DOCÊNCIA

Aurélia Regina de Souza Honorato¹, Daniela Arns Silveira², Michele Gonçalves Cardoso³

Eixo temático: Desenvolvimento Profissional e Formação Docente

Resumo: O trabalho apresenta a proposta de Formação Continuada de Professores da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC -, a qual propõe como objetivo geral “desestabilizar os trajetos que se constituem como planos sedimentados e lineares, possibilitando atravessamentos e dando lugar ao hibridismo e à abertura de fronteiras, a partir dos quais os saberes se redesenham e as práticas se reinventam”, no sentido de olhar para a realidade e propor um novo traçado às práticas docentes, a partir de conceitos como formação, docência universitária, pedagogia universitária e cartografia. Neste sentido, o programa se baseia teoricamente em autores como Cunha (2018), Kastrup (2009) e Quillici Neto e Orrú (2009), e foi organizado com base em gestos, os quais nominam os títulos que cada ano da Formação Continuada recebe nesta proposta, para o quadriênio 2018-2021, a saber: a) o rastreio: que se caracteriza como um gesto de observação do campo, em que se pretende sejam percebidas as necessidades; b) o toque: que diz respeito ao alerta, ao momento de atuação, pois algo foi notado; c) o pouso: caracteriza-se pela aquietação, no sentido de que o campo da observação se estabiliza; d) reconhecimento atento: é o gesto da avaliação, olhar para o que está colocado e (re)pensar o processo. Para cada gesto, em cada ano da formação, diferentes ações são pensadas, as quais se destinam a diferentes públicos, de dentro e de fora da universidade, mas não deixam de ser articuladas e múltiplas, sob a ótica do redesenho dos saberes e a reinvenção das práticas. Desta forma, algumas experiências já foram realizadas com o Mapa do Possível – dispositivo lançado no começo do ano letivo, na Formação Continuada, com o propósito de provocar sensações outras, capazes de instigar reflexões acerca dos cursos (cada qual olhando para a sua realidade) com relação às suas necessidades, seus desafios, sua constituição como graduação, cujas ações foram socializadas em Fórum de Ensino, como relatos de experiência e o movimento dos professores em olhar para suas práticas, compartilhando-as com outros professores e cursos.

Palavras-chave: formação continuada; pedagogia universitária; docência universitária; cartografia.

Introdução

Pensar a educação no Ensino Superior é pensar a Docência no Ensino Superior. Não é possível descolar a formação acadêmica da formação do profissional que forma, que conduz o processo ensino-aprendizagem na graduação. Assim, este trabalho se propõe a apresentar um pouco do que é o Programa de Formação Continuada da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – no seu primeiro dispositivo de provocação/reflexão lançado aos

¹ Doutora em Ciências da Linguagem. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. arh@unesc.net

² Mestra em Ciências da Linguagem. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. danielasilveira38@unesc.net

³ Doutora em História. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. michelehist@gmail.com

gestores e aos professores da academia. E, para tanto, algumas discussões se fazem necessárias, como as que reverberam sobre os conceitos de formação, de docência universitária, de pedagogia universitária e de cartografia.

Para entender um pouco de como se constrói o presente artigo, segue a sua organização: a) primeiro capítulo – Um novo traçado -, em que se colocam os conceitos supracitados, definidos a partir de base teórica, mas compilados conforme o entendimento do que se espera para a universidade; b) segundo capítulo – Os gestos e os trajetos -, cuja discussão se volta para o formato da Formação Continuada, de forma tal que os quatro anos do Programa foram pensados a partir de gestos, cujo caminho vai sendo construído no seu decorrer, com base nos trajetos sugeridos; c) terceiro capítulo – Uma experiência: o Mapa do Possível –, o qual apresenta o dispositivo inicial do Programa de Formação Continuada Unesc e a proposta para os coordenadores e professores de graduação; e d) último capítulo – Alguns resultados -, que apontam como os cursos receberam o Mapa e como lidaram com ele diante dos professores, cujas percepções/reflexões foram colocadas e divididas em Roda de Conversa promovida pela Assessoria Pedagógica da Diretoria de Ensino de Graduação. Por fim, o trabalho apresenta as suas Considerações Finais e as Referências.

Pretendemos, com este texto, também provocar pequenos lampejos de pensamento com vistas aos caminhos traçados pelos cursos de graduação no Ensino Superior sobre seu papel diante da formação do profissional, pois entendemos que a formação acadêmica não é um fim em si mesma, mas parte de um processo e constructo maior, cujas trajetórias são diversas e diferentes, não estanques e não lineares.

1 Um novo traçado

As práticas de sala de aula na Educação Superior têm sido cada vez mais discutidas e servido de fonte de rodas de conversa, haja vista a preocupação constante com a formação dos diferentes profissionais, nas mais diversas áreas do conhecimento, que saem das instituições de ensino superior. Neste sentido, a Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc -, a partir de fevereiro de 2018, tem começado um novo Programa de Formação Continuada, com base em alguns conceitos entendidos como indicadores de um trabalho de formação contínuo, uma vez que se pensa a sala de aula da educação universitária como um espaço de saberes que se constroem em parceria, cujos conhecimentos são diversos e distintos, acionados e apreendidos a cada novo encontro.

Considerando-se a importância da formação continuada para a docência como um todo, mais especialmente a do ensino superior, alguns conceitos, então, foram tomados como

norteadores do trabalho na Unesc: formação, docência universitária, pedagogia universitária e cartografia. A ideia desses elementos conceituados acontece, diante desse programa que ora se apresenta, como um caminho desenhado e redesenhado das práticas, dos saberes, das especialidades, das perspectivas do ensino na educação superior. Com base nos estudos teóricos de Boaventura de Sousa Santos (2011); Maria Isabel da Cunha (2018) e Virgínia Kastrup (2009), apresentamos os conceitos que sustentam o Programa de Formação Continuada que pensamos.

Formação: espaço em que se fundam os processos de ensinar e de aprender e onde o ensino não é fim do processo ensino-aprendizagem, mas o cenário de encontro das muitas possibilidades de costura entre o conhecimento empírico e o conhecimento técnico-científico, o que exige um alargamento das salas de aula, bem como um desajustamento de saberes em busca de uma educação comunitária e emancipatória.

Pedagogia universitária: espaço de resistência no qual a cultura de trabalho e de compartilhamento das ações se deve apropriar da ideia de cultivo de grupo, no sentido de olhar para o outro e construir a si mesmo, numa prática permanente e articulada.

Docência universitária: atividade que articula os processos de ensino e de aprendizagem no ensino superior. Busca articular diferentes e variados saberes, no sentido de promover a atuação docente do ensino superior nos âmbitos do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. São os seguintes saberes: a) das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes; b) da prática profissional; c) da prática pedagógica; d) das relações interpessoais, visando à sensibilidade pessoal e social.

Cartografia: cartografar é acompanhar processos. Nessa perspectiva, pensar a cartografia na educação é admitir que o processo ensino-aprendizagem é um colocar-se com relação ao outro e a si mesmo, comprometendo-se com o andar desse processo, numa condição de “tomar atitude”.

Diante dessas conceituações construídas pela Assessoria Pedagógica da universidade, é que se começa a traçar o Programa de Formação Continuada da Unesc, à medida que se percebe que esses elementos são essenciais para se sentir, também, como caminham as inúmeras atividades realizadas dentro da instituição de ensino superior. É preciso compreender com clareza como é processo ensino-aprendizagem dentro da academia, pois o exercício do ensinar e do aprender não é o mesmo daquele da educação básica; ser docente na universidade é diferente – não melhor, nem pior; não mais fácil ou mais difícil; é diferente.

Entende-se que ser professor universitário perpassa pela ação de ser um profissional na área em que leciona, o que exige do professor, de certa forma, uma duplicidade de olhar para a sua função na academia, ou seja, ele precisa estar ciente do que é ser um docente

universitário, para além de ser um profissional que ensina a sua prática. É preciso considerar as relações que existem entre ensino, pesquisa e extensão dentro do ambiente acadêmico. Mais do que isso, é fundamental que o corpo docente tenha acesso, reflita e tome para si o que é a pedagogia universitária, pois passa a ser, também, o seu espaço de atuação. E, por fim, é essencial que a universidade assuma o papel da formação de seus professores do ponto de vista da docência universitária, precisamente a formação continuada, num processo de real continuidade, não de forma espaçada em para cumprir legislação ou conveniência. É preciso formar com ciência. É preciso considerar o mundo externo à universidade para que a formação docente faça sentido, na medida em que contribuirá para a formação do egresso, que voltará com conhecimento adquirido para a comunidade. Eis o caminho do Programa de Formação Continuada da Unesc! Eis o desafio da Formação Continuada no Ensino Superior.

2 Os gestos e os trajetos

Quando pensamos um formato para o programa imaginamos um caminho que pudesse dialogar com a concepção que temos de formação continuada. Uma formação que vai se construindo no percurso. E pensando a partir do conceito de cartografia, fomos em busca de apresentar nosso caminho. O termo cartografia, como possibilidade metodológica, surge com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) no texto em que escrevem a quatro mãos ainda na década de 80: *Mil Platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. É um conceito que se assume implicado com a invenção e a criação, pois permite pensar multiplicidades que produzem multiplicidades. Desenhar linhas, investigar territórios, perceber as margens e os deslocamentos, criar e estimular mudanças nas possíveis trajetórias. Neste contexto, e tendo como referência o estudo de Virgínia Kastrup (2009), em seu texto *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, apresentamos os gestos que nominam os títulos que cada ano da Formação Continuada UNESCO recebe em nossa proposta. Estes gestos se constroem a partir da atenção que tomamos diante do desafio de pensarmos um programa de formação docente. São gestos que distinguem nossa atenção no percurso de cada ano pensado.

No primeiro ano: o rastreo é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa a uma espécie de meta ou alvo móvel. Nesse sentido, praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo (KASTRUP, 2009). Imaginamos, com este gesto,

investigar, diagnosticar, perceber, as diferentes necessidades apresentadas pelos docentes, gestores, acadêmicos nos encontros promovidos durante o ano. Conhecer para então pensar modos de atuação que sejam significativos e potentes na formação de cada um que pelo programa passar, vislumbrando uma outra forma de ser docente, gestor, acadêmico.

No segundo ano: o toque é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção, que diz respeito ao contato leve com traços momentâneos ou com partes mais elementares que um objeto e que possuem força de afetação. O que é notado pode tornar-se fonte de dispersão, mas também de alerta. Algo se destaca e ganha relevo no conjunto, em princípio homogêneo, de elementos observados (KASTRUP, 2009). Com o gesto do toque projetamos construir ações que nascem do rastreio. Ações que se projetam nos âmbitos da docência e da gestão acadêmica buscando ampliar os espaços de reflexão e práticas.

No terceiro ano: o pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala (p. 43). Neste momento imaginamos que os traçados realizados a partir dos gestos anteriores já configuram um outro espaço e que, outras formas de pensar-se e pensar a docência universitária se constituem como espaço de pertencimento. Os docentes se reconhecem como parte da universidade.

No quarto ano: o reconhecimento atento é o gesto que apresenta uma variedade atencional, pois nos faz pensar: o que fazer quando precisamos reconfigurar o território da observação? Nossa atitude mais adequada é pausar e observar, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto (KASTRUP, 2009). Neste momento pensamos em parar para perceber o que temos e conquistamos no percurso da formação, para então construirmos novos focos que nos possibilitarão reconhecer o território, mapear, renovar e seguir potencializando o que foi desenvolvido até aqui, pois o propósito maior do processo é a reinvenção da docência.

Para cada gesto, em cada ano da formação, diferentes ações estão pensadas. Ações que se destinam a diferentes públicos na universidade, mas não deixam de ser articuladas e múltiplas, buscando sempre o redesenho dos saberes e a reinvenção das práticas. Ações que são para públicos específicos, mas que agregam os conceitos e propósitos da formação como um todo múltiplo e diverso. Assim estão denominadas as ações: Trajetórias: trata-se do conjunto de linhas percorridas pelos **docentes** ao longo de sua formação continuada, no sentido de caracterizar os percursos sugeridos, vivenciados, as partilhas, as sensações, os limites, os deslocamentos. Itinerários: trata-se da linha que desenha o trajeto a ser percorrido pelos **gestores dos cursos de graduação**, no sentido de se entenderem as práticas docentes

como experiências as quais devem estar inseridas no Ensino, na Pesquisa e na Extensão. Caminhos: trata-se do desenho do percurso dos **acadêmicos** ao longo de sua passagem pela universidade, no sentido de que, nele, e por ele, os traçados vão se constituindo, dando vez aos olhares diversos do andar dentro dos saberes técnico-científicos e dos saberes interpessoais. Localização: trata-se do ponto focal para o qual a **Diretoria de Ensino de Graduação, a Diretoria de Extensão, Cultura e Ações Comunitárias, a Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação e a Assessoria Pedagógica** direcionam seus olhares na busca da construção de caminhos de formação. Lugares de Formação: trata-se da porção de espaço oferecida à **comunidade interna e externa** em que se percebem diferentes e variadas relações interpessoais dentro da universidade, na qual se observa o ser sobre a realidade, atuando nela e para ela, num traçado de percepções outras e cujo sentido se dá pelo desenho do adverso.

Pensar um Programa de Formação Continuada, para nós, não se limita pensar apenas os professores e professoras, mas sim pensar todo um universo de pessoas que compreende uma universidade que se pretende excelente no ensino, na pesquisa e na extensão. Significa considerar, de fato, o espaço acadêmico universal.

3 Uma experiência: o Mapa do Possível

Como motivar os docentes, no início do ano letivo, para pensarem suas práticas e seu papel como professor e professora universitária? Esta foi a pergunta que nos impulsionou a pensar em um dispositivo que pudesse abrir espaços de pensamento. Com base na ideia de Espaços do Possível⁴ que se configuram como possibilidades na formação e na vida dos professores e professoras para a construção e a ampliação do pensamento, para criação de modos de vida, idealizamos e propomos o Mapa do Possível, que teve o propósito de provocar diferentes sensações, no sentido de instigar reflexões dentro dos cursos – cada qual olhando para a sua realidade – com relação às suas necessidades, aos seus desafios, aos seus objetivos como formadores de profissionais, como graduação.

Desta forma, em reunião destinada especificamente aos coordenadores de curso, foi-lhes apresentado o Mapa do Possível, enrolado, propositalmente entregue em um tubo fechado, contendo um saquinho com alguns alfinetes. A ideia ali colocada foi a de que os coordenadores levassem até seus/suas professores/professoras este dispositivo – o Mapa – e lhes provocasse a pensar no seu curso a partir de diferentes caminhos, os quais poderiam partir de elementos apresentados no Mapa ou, caso surgisse, outro elemento por eles pensado. Dizemos elemento aqui para nos referir às possibilidades de pensar a docência, o exercício da

⁴ conceito apresentado na tese de Honorato, 2015.

sala de aula, da universidade, das relações entre a vida acadêmica e a comunidade externa por diferentes vias, como por meio de uma letra de música, de uma imagem, de obra literária, uma pintura, um filme/documentário, um pensamento. Como o curso se vê neste Mapa? O que o curso percebe em seu curso a partir desse Mapa? Quais as suas necessidades? Quais os seus caminhos?

Entendemos que o Mapa do Possível deveria ser o passo inicial dos cursos para se olharem e visualizar/vislumbrar que cada realidade de curso é única, embora o papel da universidade seja claramente a formação para o ambiente de vida com qualidade e respeito às distintas realidades sociais. A intenção da proposta era a de promover nos cursos um olhar introspectivo, para dentro, uma vez que não é possível promover mudança, participar ativamente da comunidade externa sem se conhecer internamente. O curso deveria pensar-se como curso, com suas competências e habilidades reais, suas potencialidades de suas fragilidades e entender qual seria seu primeiro passo diante dessas percepções. Na medida em que o curso fizesse esse exercício, poderia começar a prospectar as mudanças de que precisaria para ser um curso de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão – meta da nova gestão acadêmica.

Retomando a forma como o Mapa foi apresentado aos coordenadores de curso – enrolado, colocado dentro de um tubo (como um mapa mesmo) e com alguns alfinetes -, é importante reforçar que a ideia era a de que os coordenadores colocassem o Mapa na sala da Coordenação de seu curso, num espaço de fácil visualização para que todos/todas os/as professores/professoras atuassem sobre ele, colocando sugestões de leituras, de filmes, do que quer que sentissem interessante dividir com o grupo, que colaborasse para o crescimento do curso – para isso usariam os alfinetes. O Mapa deveria ser apresentado em reunião de Colegiado, provocando o corpo docente ao pensar sua prática, a pensar a universidade. Trata-se de dispositivo de provocação, já que o objetivo da Formação Continuada Unesc é desestabilizar os trajetos.

4 Alguns resultados

Tendo sido apresentado aos cursos pelos coordenadores, o Mapa foi sendo alvo de diferentes observações, desde a dúvida de como lidar com ele, até as mais diferentes intervenções nele e sobre ele. Nós, da Assessoria Pedagógica da Diretoria de Ensino, fomos chamadas por alguns cursos para “explicar melhor o que era para fazer com aquele Mapa”, o que nos fazia pensar sobre como seria interessante promover, depois de algum tempo, uma roda de conversa acerca da lida com esse dispositivo em diferentes cursos, uma vez que foram

desafiados a usá-lo como reflexão no começo de mais um ano letivo – não houve uma obrigatoriedade, nem uma tarefa que seria cobrada, mas um desafio. Neste sentido, ao visitar os cursos que nos chamavam, percebíamos uma mistura de curiosidade, de medo e de necessidade de fazer num mesmo olhar. Alguns cursos já o haviam colado em um espaço bem visível; outros, nem o haviam tirado do tubo ainda; outros queriam um atendimento para o Núcleo Docente Estruturante – NDE – primeiro, antes de levar ao Colegiado.

Diante dessa variedade de situações, a Assessoria se colocava como a que faria as perguntas ao curso, no sentido de instigá-los a pensar-se como curso, ou seja, responder às questões apresentadas no capítulo anterior e, a partir das respostas, começamos a construir o(s) caminho(s) a ser(em) percorridos pelo curso. Por exemplo, em um determinado curso, após a motivação de olhar para uma imagem presente no Mapa, os membros do NDE perceberam que o caminho a ser desenhado e seguido pelo curso em 2018 era o de repensar a sua Matriz Curricular, considerando a realidade posta em nível de Brasil perante a sua área de atuação. Outro curso, ao promover reflexão sobre um documentário, sentiu que deveria começar a cuidar do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE -, uma vez que seus alunos concluintes prestariam a prova neste ano de 2018. Assim, muitas foram as experiências vividas pelos cursos e, algumas, percebidas pela Assessoria Pedagógica.

Como não houve qualquer menção ao fato que deveria existir algum tipo de retorno da condução do trabalho com o Mapa nos cursos de graduação, a ideia da Roda de Conversa foi entendida como essencial para que se pudesse avaliar o processo inicial do novo Programa de Formação Continuada da universidade. Então, os coordenadores de curso foram convidados a participar dessa roda; alguns cursos foram especialmente convidados a apresentar sua experiência – um de cada área do conhecimento -, a fim de se socializar formas outras de lidar com o dispositivo. Na Roda de Conversa, também tivemos diferentes reações ao que foi apresentado; desde o curso que disse que saberia o que fazer a partir do que viu, até o curso que disse que fez completamente diferente. Entretanto, o que nos chamou a atenção foi o acionamento de pensamentos diversos sobre a graduação, ao passo que ela foi percebida como algo não-estaque, viva, dinâmica e cuja relação é de construção contínua.

Possível desfecho

Encerramos o texto aqui apresentado, desenhando um breve panorama das ações desenvolvidas neste ano de 2018, no Programa de Formação Continuada de Professores da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. As linhas conceituais seguidas e as primeiras ações desenvolvidas neste ano de rastreamento, nos permitiram desenvolver, atuar e

redirecionar as trajetórias do Programa, que construído de modo dialógico, vem se efetivando na universidade. Para divulgarmos e acompanharmos os diversos movimentos disparados neste ano, desenvolvemos um site em que nosso suporte conceitual, os gestos e trajetetos, assim como, um cronograma de atividades, estão disponíveis para acompanhamento, divulgação e diálogo. Além do site, o e-mail próprio do Programa de Formação também auxilia a comunicação com os professores e professoras da instituição, configurando estes espaços – site e e-mail⁵ – como um dos meios de materializar as ações que estão se construindo. Neste sentido, as ações aqui apresentadas se configuram apenas como o início de um processo de quatro anos, processo que cujas linhas iniciais estão traçadas, mas que sujeitas a reinvenção, ganharão os contornos de práticas docentes múltiplas e constantemente redesenhadas.

Nesta viagem que empreendemos até aqui, temos buscado perceber nos encontros com professoras e professores, gestores e acadêmicos, as possibilidades do sensível na educação. As possibilidades da experiência.

Encontros que não foram para compartilhar um sensível, mas sim para partilhar o sensível. Encontros que criaram *Espaços do Possível* que abrem-se para pensar maneiras de cada um se reinventar pelas mudanças de modo de vida. Pensar em *Espaços do Possível* é pensar a vida em seus infinitos deslocamentos, atravessamentos, agitações, arrebatamentos, deslizamentos, percalços, avanços. É aprender a conviver com esses acontecimentos e com eles produzir pensamento, criar e encontrar-se como um corpo que vibra e sente as infinitas experiências que o sensível pode promover (HONORATO, 2015. p.126).

É entregar-se ao desconhecido, como diz Clarice Lispector:

Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas – nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me. Como se faz? Sei porém que só andando é que se sabe andar e – milagre – se anda” (LISPECTOR, 1998. p. 68).

Consideramos esta viagem como um olhar para dentro. Nossa experiência como docentes e formadoras de docentes nos possibilita a aproximação e o afastamento necessários para que possamos entender os participantes do Programa de Formação, apoiadas em Rancière (2010), como espectadores emancipados, que a partir das experiências que vivenciam tornam-se ativos oferecendo sua própria tradução, se apropriando das histórias e fazendo a sua própria história.

⁵ www.unesc.net e formacaocontinuada@unesc.net

Referências

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p.6-11, jan/abr. 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/29725/16841>>. Acesso em: 17 set. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

HONORATO, Aurélio Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de Artes: Espaços do possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 34 – 51.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

QUILLICI NETO, Armindo; ORRÚ, Silvia Ester (orgs.). Docência e formação de professores na educação superior: múltiplos olhares e múltiplas perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. Política da Arte (p.45 - 59); Trabalho sobre a imagem (p. 91-105). **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas / Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. - Vol 1, n.15 (Out 2010) - Florianópolis: UDESC/CEART Semestral.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Universidade no Século XXI: Para Uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.